

UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES

SÉRIE 4 - N.º 153
JUL./DEZ. 2017 TRIMENSÁRIO - **€** 0,20

PROPRIEDADE DA **UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES**

WWW.URAP.PT **geral@urap.pt**

EDITORIAL

UM ANO INTENSO QUE TERMINA

O ano de 2017, que está a chegar ao fim, foi um ano de grande actividade para a URAP, que deu passos firmes no reforço dos núcleos e no aumento de associados. Mas foi também o ano em que se verificou uma enorme perda, com o desaparecimento de Aurélio Santos, coordenador da URAP entre 2006 e 2013 e que agora pertencia ao Conselho Nacional.

Aurélio Santos, grande obreiro da URAP, que morreu a 30 Setembro, foi uma voz da resistência antifascista com tarefas como a de ser uma voz da *Rádio Portugal Livre*, a emissora do PCP na clandestinidade, Partido a que aderiu em 1955 (ver notícia da página 7). A URAP, em colaboração com a Câmara Municipal de Peniche, concretizou um sonho por que se batia já há vários anos: a inauguração de um monumento, junto ao Forte, homenageando os homens que, pelo seu amor à liberdade, ali estiveram encarcerados. Falta ainda o memorial com o nome dos cerca de 2500 presos políticos que por lá passaram e instalar o Museu Nacional da Resistência.



FORTE DE PENICHE VAI SER MUSEU - págs. 4 e 5
O Forte de Peniche conta já com um monumento memorial que homenageia os cerca de 2500 presos políticos que passaram por aquela cadeia entre 1934 e 1974. Entretanto, o livro sobre a prisão de Peniche já vai na sua terceira edição, recentemente lançada.

NA MORTE DE AURÉLIO SANTOS - pág. 7

Depois da luta vitoriosa – em que a URAP teve um papel de destaque – pela retirada pelo Governo do Forte de Peniche do *Programa Revive*, que abriria portas à instalação de uma unidade hoteleira, a edição de *Forte de Peniche, Memória, Resistência e Luta* foi um extraordinário êxito. Já com três edições, o livro, que nos permitiu fazer várias sessões de lançamento, por muitas zonas do País, foi inicialmente apresentado na Fundação José Saramago.

A instalação do projecto museológico *Do Heroísmo à Firmeza* nas antigas instalações da cadeia da PIDE no Porto, hoje Museu Militar, que visa transformar o local num retrato vivo da memória colectiva da luta da resistência ao fascismo, foi outra das frentes de luta da URAP durante o ano de 2017.

A URAP continuou com o trabalho junto das escolas e das colectividades, falando do 25 de Abril e da luta para a conquista da liberdade e de um Portugal melhor. Portugal esse onde, em 2017, com a luta dos trabalhadores, se obtiveram alguns direitos que nos tinham sido roubados.

A nível internacional, a URAP esteve presente e interveio na evocação de Guernica, no Parlamento Europeu. Juntou-se aos protestos contra acções fascistas em vários países da Europa e esteve sempre associada a outras organizações, na luta pela Paz e pela solidariedade dos povos oprimidos.

Na situação que se vive no Mundo, a luta antifascista mantém-se de grande actualidade e, nessa luta, a URAP tem um papel importante a desempenhar.

A direcção da URAP aproveita este último Boletim de 2017 para enviar, a todos os associados e amigos, votos de muita saúde, êxitos na vida pessoal, profissional e política.

Marília Villaverde Cabral

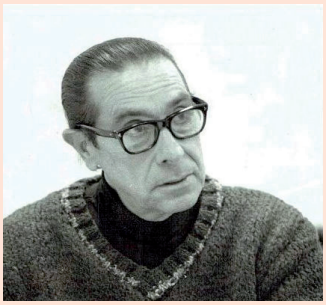
NO CENTENÁRIO

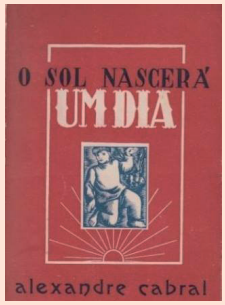
ALEXANDRE CABRAL HOMENA

«Tinha 12 anos e vivíamos no Bairro de Alvalade, num r/c, e um dia, de madrugada, acordo com violentas punhadas na minha janela do quarto que dava para as traseiras, abri estremunhado as portadas e vi dois homens de pistola em punho. 'É a polícia, abra'. Seguiram-se cenas de indignação e angústia (...) e levaram o meu pai. Passaram-se dias sem qualquer informação e lembro com nitidez a ida com a minha mãe, de mão dada, à António Maria Cardoso para exigir notícias e uma visita. Recordo perfeitamente um cheiro a perfume, e estou a ver ainda as unhas bem cuidadas, envernizadas, das mãos do inspector Sacheti, a sua calva brilhante e luzidia, o seu rosto inexpressivo, e pensei: é este o homem que está a fazer mal ao meu pai!»

Este trecho da intervenção de Aguinaldo Cabral, filho do homenageado, na sessão evocativa do escritor, novelista, investigador e militante antifascista Alexandre Cabral por ocasião do centenário do seu nascimento retrata o ambiente que se vivia em Portugal durante o regime de Salazar: a arbitrariedade, o desrespeito, até pelas crianças, e a afronta pelos direitos humanos mais elementares.

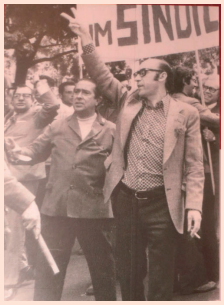
Perante cerca de meia centena de pessoas, a sessão de dia 11 de Outubro organizada pela URAP e pelo Museu do Aljube destacou a figura de Alexandre Cabral também com uma intervenção do escritor Modesto Navarro, amigo do homenageado, a passagem de um filme que testemunha o conhecimento e amizade com o escritor e antifascista Soeiro











URAP NO FESTIVAL MUNDIAL DA JUVENTUDE E DOS ESTUDANTES

Uma delegação de jovens portugueses, entre os quais Francisco Canelas, membro do Conselho Directivo da URAP, participou no 19.º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes (FMJE), sob o lema «Pela paz, solidariedade e justiça social. Lutamos contra o imperialismo – honrando o nosso passado, construímos o futuro!» e dedicado aos 100 anos da Revolução de Outubro.

A delegação nacional, com cerca de 40 elementos, juntou-se aos milhares de jovens e organizações anti-imperialistas de todo o mundo que atenderam ao apelo e concentraram-se naquele Festival, que teve a sua estreia em 1947, numa manifestação de regozijo pela derrota do nazi-fascismo e clamaram por um futuro de paz e de progresso.

No 19.º FMJE, que decorreu entre os dias 14 e 22 de Outubro, em Sochi, na Federação Russa, realizaram-se debates e conferências com temas como «As conquistas da Revolução de Outubro», «O Papel da Juventude na Luta pela Paz e Solidariedade Internacional», «O Papel da União Soviética na Derrota do Nazi-Fascismo», «O Movimento e História da Federação Mundial da Juventude Democrática», bem como diversos painéis de discussão sobre o desenvolvimento da luta dos povos por um mundo de paz, solidariedade e progresso social.

A educação, a precariedade, o desemprego e os baixos salários, a ofensiva em vários planos sobre os direitos da juventude (e não só dela), o direito dos povos à autodeterminação e soberania, foram alguns de muitos outros temas em discussão.

Debates estes nos quais a URAP não só tomou contacto com as opiniões reflexões de jovens e organizações de diferentes povos como também deu a conhecer a história da própria resistência antifascista e a situação portuguesa.





URAP
Propriedade e edição
da **União de Resistentes Antifascistas Portugueses**
Membro da Federação Internacional de Resistentes

Directora **Ana Pato**
Paginação e Grafismo **Sónia Semião**

Redacção e Administração
Rua Bernardo Lima, 23 - 1º Esq.
1150-075 Lisboa • Telefone 213 576 083

DO NASCIMENTO

GEADO NO MUSEU DO ALJUBE

Pereira Gomes e a leitura de excertos do livro *Memórias de um Resistente* (1970) pelo actor Fernando Tavares Marques.

Depois de relatar as prisões de seu pai, em 1952, 1963 e 1964, o orador fez um levantamento biográfico da vida do escritor – quer da sua origem, quer dos bairros populares onde viveu - que o marcaram profundamente e estão inscritos no romance *Malta Brava* (1955).

O labor dedicado à investigação literária e aos estudos camilianos levou à publicação de dezenas e dezenas de títulos, nos quais se deve destacar a compilação cuidadosa das *Polémicas*, os comentários preciosos da *Correspondência*, e a análise minuciosa das *Novelas*, e que culmina com a elaboração do *Dicionário de Camilo Castelo Branco* (1989).

O orador falou ainda sobre a criação da Sociedade Portuguesa de Escritores, da qual Alexandre Cabral integrou a primeira direcção, e a Associação Portuguesa de Escritores que lhe sucedeu, e sobre o percurso político e militante do homenageado, que aderiu muito jovem ao Partido Comunista Português.

Depois da revolução de Abril de 1974, foi membro de várias Associações de Amizade, com Cuba, Checoslováquia, RDA, Bulgária.





ACTIVIDADE EM TODO O PAÍS

A URAP, e os seus núcleos, mantém uma diversificada actividade junto dos símbolos da resistência e, deste modo, organizou nos dias 17 e 18 de Junho uma excursão à cidade do **Porto** destinada a visitar o projecto museológico Do Heroísmo à Firmeza, nas instalações da ex-PIDE, onde mais de 7000 antifascistas estiveram presos e foram torturados, e ainda a proporcionar um melhor conhecimento da cidade Invicta.

Participaram 55 sócios e amigos na URAP, dos núcleos da **Amadora, Algueirão-Mem Martins, Cacém, Queluz** e **Lisboa**, e a visita foi conduzida por Maria José Ribeiro, da direcção da URAP e ex-presa política, e pelo arquitecto Mário Mesquita que supervisiona a obra no actual Museu Militar. Nos dias 17 e 18 realizaram-se visitas guiadas a Serralves e ao centro histórico do Porto, e decorreu igualmente no Rio Douro um cruzeiro às três pontes.

O núcleo de **Santa Iria de Azóia** deslocou-se a Évora, numa visita guiada, em 21 de Outubro, e a 4 de Novembro, em união com Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo, apresentou o livro *Mulheres da Clandestinidade*. Em Évora, onde se realizou a XX visita guiada do núcleo, um grupo constituído por 24 pessoas, entre elas a coordenadora da URAP, Marília Villaverde Cabral, e o ex-presidente da Câmara de Évora, Abílio Fernandes, dirigiu-se ao Templo Romano, ao Museu de Évora, ao centro histórico, à Associação Povo Alentejano e ao Cromeleque dos Almendres.



A sessão de lançamento do livro *Mulheres da Clandestinidade* teve a presença da autora, Vanessa de Almeida, António Redol, da Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo, Faustina Barradas, militante clandestina desde os 16 anos até ao 25 de Abril de 1974, e Marcelo Teixeira, representante da editora Parsifal. Perante quase 40 pessoas, coube a Faustina Barradas relatar com pormenor o seu testemunho de combatente clandestina, falando da importância das mulheres na luta contra o fascismo.

Este mesmo núcleo organizou no dia 28 de Outubro uma ida colectiva de 43 sócios e amigos ao Teatro Municipal Joaquim Benite, em Almada, para assistir à peça História do Cerco de Lisboa, adaptação da obra homónima de José Saramago.

O Forte de Peniche, pelo simbolismo de ter sido uma das mais cruéis prisões políticas do regime fascista, foi o local escolhido para ser visitado por um grupo de sócios do **Sindicato da Hotelaria do Algarve**, dia 14 de Outubro. A visita guiada, organizada pela URAP, de 10 sócios do sindicato, incluiu ainda o Memorial aos Presos Políticos e foi guiada por Adelino Pereira da Silva, ex-preso político naquela cadeia.

A CAMINHO DO MUS

MONUMENTO AOS EX-PRESOS POLÍTICOS









«Disseram não...
para que a água da vida corresse limpa»

Esta frase, da autoria do historiador António Borges Coelho, pode ler-se na base do monumento que presta homenagem aos cerca de 2500 presos que passaram pela cadeia de Peniche entre 1934 e 1974, inaugurado pela Câmara Municipal de Peniche e pela URAP - União de Resistentes Antifascistas Portugueses, no passado dia 9 de Abril.

Perante centenas de antifascistas presentes, entre os quais alguns presos políticos da época, José Aurélio, o autor da obra, explicou a escultura que consiste «num cubo em aço com 25 quadriculados que terminam em asas, com também 25 hastes no seu interior, que representam os prisioneiros, assente num espelho de água».

Foi nas grades desse cubo, que os ex-presos, primeiro, e alguns dos participantes, depois, colocaram fitas multicolores com frases da resistência perante o aplauso de todos, num acto emotivo e cheio de simbolismo.

A abertura da sessão foi feita pelo então presidente da Câmara Municipal de Peniche, António José Correia, que agradeceu a presença de todos, nomeadamente da Comissão Consultiva do Museu, e teve uma palavra especial para os trabalhadores que materializaram a obra – «o trabalho não visível» – sem os quais «não tinha sido possível erguer o monumento», falou ainda da colaboração com a URAP que deu origem, após alguns anos, àquele monumento.

Coube a Marília Villaverde Cabral a intervenção de fundo. A coordenadora da URAP destacou a importância de prestar homenagem aos heróis que estiveram encarcerados na Fortaleza de Peniche e «conhecer os nomes de todos os que, pelo seu amor à liberdade e ao seu povo, ali foram encarcerados e perpetuar a sua dedicação à luta por um país melhor».

EU DA RESISTÊNCIA

INAUGURADO NA FORTALEZA DE PENICHE

LUTAR CONTRA O ESQUECIMENTOS

«Depois de uma profunda investigação na Torre do Tombo, foram encontrados cerca de 2500 nomes, homens das mais diversas profissões, das mais diversas idades, das mais diversas zonas do País», contou, para lembrar que o monumento ainda não está completo: «falta-nos ainda o mural, com todos os nomes, um a um... Mas vamos conseguir. Porque é preciso não esquecer. Lutar contra o esquecimento é a forma que temos de honrar os nossos heróis, os que felizmente estão entre nós e os que partiram.»

«Hoje, quando estamos aqui, não podemos deixar de lembrar que a fase seguinte é o Museu da Resistência. O Museu onde os jovens possam vir consultar documentação para os seus trabalhos, onde se possam realizar debates e conferências, onde se possa vir visitar e ficar com uma ideia clara do que foi o fascismo, através de depoimentos, de documentos históricos, um Museu de que o povo de Peniche se possa orgulhar, um Museu digno do Portugal democrático, um Museu que enriqueça a nossa história», afirmou.

Ana Aranha, jornalista da Antena 1 – que tem feito vários trabalhos sobre a repressão e a censura no tempo do governo fascista –, conversou com dois familiares de ex-presos políticos, Álvaro Pato e Anabela Carlos, filhos de Octávio Pato e José Carlos Corticeiro, respectivamente, que relataram as suas experiências da resistência, as visitas, da luta contra o fascismo, nomeadamente dentro das próprias prisões.

Recordaram, com muita emoção, como uma única prisão afectava a vida de muita gente, a solidariedade mútua entre presos e familiares e as reivindicações das famílias junto da prisão, como o simples facto de um filho, ou outro membro da família, poder beijar o preso que ia visitar, como lembrou Álvaro Pato.

A homenagem contou ainda com um programa cultural no qual actuou o grupo Cauda da Tesoura, com música de intervenção, e o Coro Fernando Lopes-Graça, dirigido pelo maestro José Robert, com onze canções heróicas acompanhadas ao piano por João Lucena e Vale.

Como disse Marília Villaverde Cabral foi «um dia digno de Portugal em Liberdade: Homenageamos aqueles que estando junto a este lindo mar, não o podiam ver. "Apenas ouviam o vento. Apenas ouviam o mar", dizia David Mourão Ferreira».

TERCEIRA EDIÇÃO DE LIVRO SOBRE PENICHE LANÇADA NO FORTE



José Pedro Soares, dirigente da URAP e ex-preso político, revelou que o Museu Nacional da Resistência deverá ser inaugurado dia 27 de Abril de 2019, após obras que se iniciarão no princípio do próximo ano, que obrigarão ao encerramento do Forte de Peniche.

O orador, que é também membro do Conselho Consultivo nomeado pelo ministro da Cultura, falava na sessão de lançamento da terceira edição do livro ***Forte de Peniche – Memória, Resistência e Luta***, editada pela União de Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP), que decorreu dia 28 de Outubro em Peniche, na presença de cerca de 70 pessoas.

A sessão foi presidida pela coordenadora da URAP, que lembrou que a ideia do livro surgiu em plena movimentação contra a decisão do Governo de incluir o Forte de Peniche no ***Programa Revive***, que abriria portas à instalação no local de uma pousada. Já Vítor Dias, um dos autores, apresentou a obra, realçando que a nova edição revista e actualizada contém mais dois capítulos do que as anteriores: sobre os compromissos do Governo de criar o museu e a inauguração do monumento aos presos políticos.

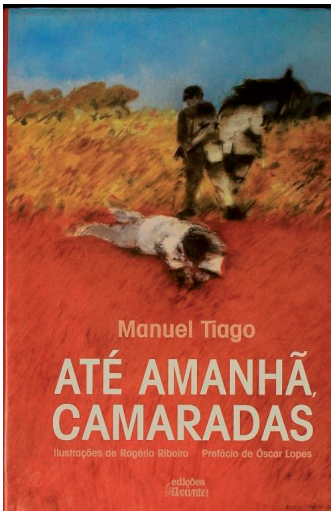
Numa breve intervenção, a vice-presidente da Câmara Municipal, Ana Rita Petinga, definiu a Fortaleza como «um marco do passado e a memória viva do presente», acrescentando «que o respeito pelo ser humano é a esperança e a coragem de tantos homens e mulheres que por aqui passaram, enquanto o segredo da felicidade é somente a liberdade».

OS 104 ANOS DO SEU NASCIMENTO

ÁLVARO CUNHAL – A «EXPERIÊNCIA DO HUMANO»

Álvaro Cunhal foi, certamente, uma das personalidades marcantes do século XX português e, pelo seu percurso de intervenção humanista, de sentido universal. Político lúcido, combativo e corajoso, resistente antifascista de primeira linha, preso nas masmorras do fascismo durante mais de uma década, torturado, perseguido como raros portugueses o foram por Oliveira Salazar, essa figura sinistra que deu voz, instrumentos e suporte ideológico ao período mais negro da história portuguesa de grande parte do século XX, Álvaro Cunhal, mesmo na prisão, ou no exílio, nunca deixou de erguer a sua voz em defesa dos seus ideais, lutando pela libertação, pelos direitos e pela dignidade dos trabalhadores e do povo português.







E não deixou, paralelamente, de ser um homem atento às coisas da Cultura, um autor maior do nosso neo-realismo, tanto no campo ficcional como na abordagem teórica, tarefa que exerceu com lucidez e denodo intelectual nos jornais Sol Nascente e O Diabo e plasmou nesse ensaio incontornável de agudeza e sentidos crítico, estético e programático que é ***A Arte, o Artista e a Sociedade***. E, concomitantemente, expressando no desenho, com igual sensibilidade, rigor e argúcia, em fulgurante traço pessoalíssimo, o seu amor ao Povo, ao Trabalho e à dignidade da nossa condição de homens e mulheres livres, à alegria de viver que a pintura, como a sua literatura, transportam.

O seu traço redondo, circular e ágil, serviu para denunciar, de forma expressiva e singular, as duras condições de vida e de trabalho de quantos, de sol a sol, granjeavam a terra e dela tiravam magro sustento, ou uma soldada de miséria e humilhação. Também a festa, as danças populares; ou o olhar sensível demorando-se sobre as paisagens da beira-mar; os movimentos das mulheres na praia aguardando em grupos os barcos que vinham da faina; o retrato de uma camponesa que nos olha com uma serenidade profunda e tocante, ou esse magnífico desenho, carregado de simbolismo, força e movimento, de denúncia, em que o povo enfrenta a bestialidade de uma carga de cavalaria da GNR.

Os desenhos e as pinturas de Álvaro Cunhal, o seu traço cheio, poderoso de simbologia, aproximam-no da escrita pictórica de dois pintores que ele muito admirava: Pavia e Portinari. Há nessa forma, nesse modo de olhar e expor o real, a mesma pulsão, a mesma força, o mesmo sentido cúmplice de êxtase perante a natureza e de indignação face às condições sociais do povo.

A obra ficcional de Álvaro Cunhal, a qual, publicada sob o pseudónimo Manuel Tiago, é hoje considerada pela crítica um dos marcos do nosso neo-realismo, uma literatura fortemente influenciada pelo desejo, pela urgência de contar, de expressar a verdade e as recorrências de um tempo de lacraus, uma peculiar e profunda «experiência do humano», é uma literatura que se inscreve no vasto território de uma arte da clareza, da sinceridade e da intervenção social.

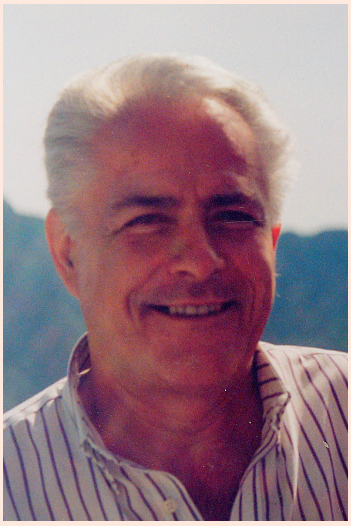
Nos 104 anos do seu nascimento, Cunhal continua a ser uma das figuras marcantes, incontornáveis da política e da cultura portuguesa do nosso século XX, cujo património criativo e influência em diversos domínios do saber, na pintura, na literatura e no ensaio cultural e político, se prolongará muito para além do nosso tempo.

Álvaro Cunhal, homem de todos os combates, forjado na luta e no amor pelo Povo, preservando, como escreveu Urbano Tavares Rodrigues, «no mais fundo de si um secreto jardim cheio de amor e de sorrisos, que em certas circunstâncias se manifestava sobretudo no seu modo de olhar as crianças». Ou seja, digo eu, no seu modo de olhar o futuro.

Domingos Lobo

RESISTENTE ANTIFASCISTA E DIRIGENTE DA URAP

NA MORTE DE AURÉLIO SANTOS



Aurélio Santos, coordenador da URAP entre 2006 e 2013 e actual membro do Conselho Nacional, antifascista desde a juventude que dedicou a vida ao combate pela democracia e membro do Partido Comunista Português, do qual foi dirigente, morreu dia 30 de Setembro, aos 86 anos.

Esta voz particular da Rádio Portugal Livre – a emissora clandestina do PCP, da qual foi director entre 1963 e 1974, que anunciava aos portugueses diariamente: «aqui Rádio Portugal Livre, uma emissora ao serviço do povo, da democracia e da independência nacional» –, nasceu em Vilar Torpim, foi dirigente estudantil da Faculdade de Medicina de Lisboa e do MUD Juvenil.

Preso em 1953, na sequência da sua militância no Movimento de Unidade Democrática Juvenil, por liderar a delegação portuguesa que participou no III Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, na Roménia (1953), só seria libertado em 1955, ano em que aderiu ao PCP.

Aurélio Santos regressou do exílio em 1974, vindo da Roménia, e integrou em Lisboa, nesse ano, a Comissão de Programas da RTP, e o Conselho de Imprensa, de 1976 a 1979. No PCP foi responsável pela Secção de Informação e Propaganda do Comité Central do PCP, de 1976 a 1984; foi membro da DOR Lisboa e do seu Executivo, e responsável pelo Sector de Artes e Letras de 1984 a 1988; membro da Comissão Executiva Nacional de 1990 a 1992 e membro da Comissão Central de Controlo.

Grande impulsionador da União de Resistentes Antifascistas Portugueses, da qual foi membro proeminente até à sua morte, Aurélio Santos foi um homem de rara qualidade humana e de excepcional cultura. O corpo de Aurélio Monteiro dos Santos esteve em câmara ardente, em Lisboa, na Igreja de S. Francisco de Assis e o funeral realizou-se no cemitério do Alto de S. João com a presença de muitos democratas e antifascistas, entre os quais membros da direcção da URAP e do PCP, e o discurso laudatório foi proferido por Jerónimo de Sousa, Secretário-geral do partido.



DISSE AURÉLIO SANTOS

«É criminoso que hoje os jovens saiam da escola sem terem uma ideia do que representou de ruptura com esse passado o 25 de Abril e a democracia em Portugal. Há um trabalho a fazer junto das escolas, junto dos jovens. Este é um aspecto a URAP tem tido em conta (...)»

A Voz do Operário, Abril de 2009

«Fascismo, nunca mais? Não podemos entender isso como garantia de que "o fascismo não voltará". Não voltará certamente nas formas que as assumiu nos anos 20/30 do século passado. (…) Mas o fascismo não é um fenómeno histórico de uma determinada conjuntura. Tem carácter universal, com raízes sociais e económicas que aparecem como resposta desesperada numa uma economia em queda, de uma classe que pretende impor pela força a manutenção do seu domínio e dos seus interesses.»

Assembleia-Geral da URAP, Fevereiro de 2009

«Na luta pela liberdade e a democracia, contra as sobrevivências do fascismo, do colonialismo e do racismo podemos confiar na juventude, na força dos povos, da pessoa humana, na consciência de que a humanidade precisa de paz e de um desenvolvimento mais harmonioso, mais justo e mais humano, em todo o planeta.»

Simpósio Internacional sobre o Tarrafal, Maio de 2009

SESSÃO NA MOITA

URAP COMEMORA CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Na madrugada de 7 de Novembro de 1917 foi difundida a proclamação de Lénine ***Aos operários, soldados e camponeses a prometer a paz, a terra e o pão***. A maior revolução do século XX teve efeitos em todos os países do mundo, incluindo Portugal. A sua influência levou à politização do movimento sindical português e à formação, mais tarde, do PCP, em 1921.

Foi o centenário desta revolução que o núcleo da URAP da Moita quis assinalar, dia 11 de Novembro, numa sessão para a qual convidou o presidente da Câmara, Rui Garcia, e o resistente antifascista e membro da URAP Armando Morais. Para este último, a Revolução de Outubro teve uma enorme influência sobre os trabalhadores e povos de todo o mundo. Foi uma Revolução da classe trabalhadora, explorada e oprimida. Foi o seu exemplo que pôs fim à carnificina da II Guerra Mundial, levou o movimento operário de todo o mundo a criar os seus partidos revolucionários e potenciou a luta das classes exploradas pelos seus direitos sociais; que inspirou os povos colonizados a libertarem-se da dominação imperialista e deu lugar a novas revoluções socialistas e à luta antifascista.

O orador considerou que o desaparecimento da URSS foi um enorme retrocesso para os trabalhadores e povos do mundo: explodiram de novo a exploração de classe desenfreada, enormes desigualdades sociais e as guerras e agressões do imperialismo.

Rui Garcia, presidente da Câmara Municipal da Moita, salientou, perante uma centena de participantes, a importância da iniciativa da URAP para a defesa dos valores democráticos e da Paz.





REVOLUÇÃO E RESISTÊNCIA

Já para depois do fecho desta edição estavam marcadas duas iniciativas da URAP: no dia **30 de Novembro**, na biblioteca da Casa do Alentejo, em Lisboa, uma sessão sobre a Revolução de Outubro, por ocasião do seu centenário, com a presença de José Manuel Vargas, do Conselho Directivo da URAP; a **7 de Dezembro** a apresentação do livro ***Forte de Peniche: Memória, Resistência e Luta***, no Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, com José Pedro Soares, do Conselho Directivo da URAP, e com António Borges Coelho, historiador, iniciativa que contou com um momento de poesia por Domingos Lobo e Manuel Diogo e a **9 de Dezembro** uma sessão evocativa sobre a Guerra Civil de Espanha, com a participação de Domingos Abrantes, promovida pelo núcleo do Seixal, na Casa do Povo de Corroios.

